

INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO PROPOSTA PEDAGÓGICA A PARTIR DOS TRÊS EIXOS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Daniela da Silva de Souza

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) criaram novos desafios para os professores de Língua Portuguesa em relação ao ensino de língua materna. A partir da publicação e interpretação do documento, os docentes começaram a se fazer algumas perguntas: (i) como abordar o ensino de gramática nas aulas?; (ii) um bom professor de Língua Portuguesa é aquele que consegue trabalhar o maior número de gêneros textuais ao longo de um ano letivo?; (iii) ensinar variação linguística consiste em definir norma-padrão e fazer a distinção entre linguagem formal e informal?

Levando em conta as orientações propostas, os docentes prosseguiram com seu trabalho ora apresentando gêneros textuais, ora oferecendo certos conceitos gramaticais, ora tentando trabalhar com as duas perspectivas. Apesar das mudanças inseridas em suas práticas pedagógicas, esses profissionais percebiam que a aquisição de certas competências no plano linguístico por parte de seus alunos ainda ocorria de forma insatisfatória e que as diretrizes para o tratamento do componente gramatical careciam de encaminhamentos objetivos.

No ano de 2013, foi implantado, em âmbito nacional, o curso de Mestrado Profissional em Letras, permitindo que seus alunos-professores fizessem reflexões acerca de sua prática pedagógica com o intuito de modificá-la e melhorá-la. Assim, um grupo de professores de todo o país teve contato com diversas orientações teórico-metodológicas, dentre as quais a proposta dos “três eixos para o ensino de gramática” (cf. Capítulo 3). Tendo por base essa proposta e, ainda, reflexões acerca do conceito de gramática e conteúdos a ele relacionados, os professores do PROFLETRAS puderam criar formas alternativas de ensinar os conteúdos gramaticais em suas aulas a partir de três frentes distintas: a reflexão linguística, a produção de sentidos e o tratamento da variação linguística.

Pesquisando sobre o tema da indeterminação do sujeito e percebendo que se tratava de um fenômeno variável, verifiquei, como salienta Santos (2012), que esse viés é ignorado pelos livros didáticos, cujo tratamento da variação se limita, quase sempre, ao plano das realizações fonéticas e lexicais. Ademais, observei também que meus alunos, sobretudo os do 9º ano, ao redigirem artigos de opinião, empregavam estratégias de indeterminação do sujeito que eram ignoradas pela tradição gramatical e com as quais eu não sabia como lidar em sala de aula.

Dessa forma, este capítulo¹ busca apresentar minha experiência de tratamento da indeterminação do sujeito – parte de minha dissertação de Mestrado –, discorrendo, primeiramente, acerca da temática desde a concepção oferecida pela Gramática Tradicional (GT), para, depois, passar pelas pesquisas linguísticas sobre o tema. Em seguida, serão apresentados, de forma breve, os três eixos de ensino que embasaram o estudo dirigido sobre a indeterminação do sujeito, bem como a própria proposta pedagógica sugerida e parcialmente testada no âmbito da pesquisa. Por fim, farei as considerações finais sobre a concepção do estudo dirigido proposto.

Gostaria de salientar, desde já, que o objetivo deste trabalho não é o de eleger uma nova maneira de trabalhar com o tema da indeterminação como ideal, mas o de contribuir com a prática pedagógica, compartilhando a experiência feita e sugerindo novas possibilidades de abordagem do tema em questão.

¹ A proposta ora apresentada baseia-se na Dissertação intitulada *Estratégias de indeterminação do sujeito: uma proposta pedagógica para o ensino de gramática*, defendida, em 2015, no âmbito do Mestrado Profissional – PROFLETRAS, Polo UFRJ. Em artigo encaminhado para a produção de *e-book* com trabalhos produzidos no âmbito do PROFLETRAS nacional, em fase de edição, apresento, em coautoria com a orientadora da dissertação, Sílvia Rodrigues Vieira, outra versão da proposta do presente texto, na qual, além de reproduzir a fundamentação teórica ora apresentada, resumimos as atividades do estudo dirigido aqui detalhadas.

1. A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO CONFORME A TRADIÇÃO GRAMATICAL E OS LIVROS DIDÁTICOS

O sujeito indeterminado é apresentado nas gramáticas e livros didáticos normalmente como um dos cinco tipos de sujeito. Para definir os sujeitos do tipo simples, composto e oculto, costuma-se priorizar o critério formal/estrutural, verificando se há a presença ou não da forma e, quando esta se faz presente, parte-se para a observação da quantidade de núcleos que a constituem. O sujeito inexistente (oração sem sujeito) destoa dos demais no sentido de que isola os casos de verbo impessoal e, por consequência, de sujeitos sem referentes. Quando os manuais definem o sujeito indeterminado, a mistura dos critérios semântico e estrutural/formal fica mais evidente.

Cunha e Cintra (1985, p. 128) afirmam que o sujeito é indeterminado quando, em algumas situações, “[...] o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento”. Segundo Rocha Lima (2003, p. 235), o sujeito indeterminado ocorre “[...] se não pudermos ou não quisermos especificá-lo”.

Como visto, nas duas definições, percebe-se que o sujeito indeterminado é definido, inicialmente, com base em explicação de cunho semântico; no entanto, ao se observar o tratamento de como ele se realiza formalmente, verifica-se que a descrição tradicional é centrada em apenas dois tipos de estruturas formais:

- (i) verbo na 3ª pessoa do plural, sem menção anterior ao pronome *eles* ou substantivo no plural;
 - (01) Roubaram o meu carro.
- (ii) verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que esse verbo não seja transitivo direto.
 - (02) Precisa-se de vendedores.

Uma vez que se baseiam nas descrições propostas pelas gramáticas tradicionais, as definições apresentadas pelos livros didáticos não divergem do mencionado anteriormente. Observando a coleção didática dos autores Cereja e Magalhães (2012, p. 28), adotada por diversas instituições públicas e privadas de ensino, encontra-se como definição para o sujeito indeterminado: “[...] aquele que não aparece expresso na oração nem pode ser identificado, ou porque não se quer ou por se desconhecer quem pratica a ação”.

De modo geral, como se vê, a definição para o sujeito indeterminado se pauta no critério semântico e morfossintático. Os gramáticos, ao definirem matéria

tão importante, acabam por desconsiderar que o sujeito indeterminado – uma vez que o que não se define é o referente externo – pode ocorrer tanto em sujeitos expressos quanto em não expressos, como se pode verificar, por exemplo, em:

(03) Ninguém viu o dinheiro.

Na próxima seção, será apresentada uma breve descrição sobre como as pesquisas científicas lidam com o tema e apontam inconsistências na definição proposta na tradição gramatical.

2. O SUJEITO INDETERMINADO CONFORME A ABORDAGEM LINGUÍSTICA: APONTANDO INCONSISTÊNCIAS E AMPLIANDO O TEMA

Como foi visto na seção anterior, a definição de sujeito indeterminado apresentada pela GT, embora utilize sua natureza semântica, restringe as manifestações de referentes indefinidos em termos formais.

Duarte (2007, p. 195) afirma que a definição normalmente apresentada pela tradição gramatical é inadequada, pois o sujeito indeterminado, na verdade, é uma noção semântica cuja classificação só faria sentido se fosse colocada em oposição à de sujeito determinado. A pesquisadora assevera que a referida definição não esclarece que a noção de sujeito indeterminado, que se dá em virtude da indefinição do referente externo, pode ocorrer tanto em sujeitos expressos quanto em não expressos. Desse modo, a autora propõe que seja feita uma nova classificação para o sujeito baseada em critérios que considerem sistematicamente a forma e a referência desse constituinte. Assim, teríamos sujeitos expressos e não expressos, quanto à forma, e de referência definida, indefinida e até sem referência, quanto ao conteúdo².

Por fim, Duarte postula que há outras formas de indeterminar o sujeito além daquelas estabelecidas pela GT e defende que o sujeito indeterminado seria verificado em todos os casos em que houvesse referência indefinida, estejam os constituintes explícitos ou não, conforme ilustram os exemplos elencados pela pesquisadora.

(04) Roubaram as lojas do jardim.

(05) Precisamos de ordem e progresso.

(06) Não usa mais máquina de escrever.

(07) Vende apartamento.

(08) Eles estão assaltando nesse bairro.

² Para mais esclarecimentos, consultar Duarte (2007), capítulo “Termos da oração”.

- (09) A gente precisa de ordem e progresso.
 (10) Você vê muito comércio no centro.

Bravin dos Santos (2012, p. 79), ao discorrer sobre os aspectos que poderiam dificultar a compreensão sobre o conceito de indeterminação por parte dos alunos, critica a associação entre o sujeito indeterminado e a noção de “pessoa”, termo, segundo ela, ambíguo e que pode gerar certa confusão por parte de nossos estudantes. Estes poderiam entendê-lo como indivíduo ou pessoa gramatical, confundindo-se então o sujeito gramatical com o sujeito humano. A pesquisadora ratifica os postulados de Duarte ao mencionar que há maneiras diversas de se indeterminar o sujeito utilizando formas expressas e discorre sobre estruturas formadas por verbo na 3ª pessoa do singular + *se*. Tanto Bravin dos Santos quanto Duarte defendem um posicionamento divergente da gramática tradicional no que diz respeito aos casos de construções envolvendo verbo na 3ª pessoa do singular + *se*. Para as duas pesquisadoras, toda construção com verbo na 3ª pessoa do singular + partícula *se* (tradicionalmente apassivadora ou indeterminadora) constituem caso de indeterminação do sujeito.

Perini (2013, p. 83) discute a indeterminação do sujeito partindo dos conceitos de determinado e indeterminado. Assim, concebe a indeterminação como uma categoria escalar, gradual. Dessa forma, segundo o pesquisador, quanto menos individualizada for a referência, mais indeterminado (grifo do autor) será o sintagma respectivo. O autor considera que a indeterminação se expressa através de recursos sintáticos e lexicais. Além dos já citados por Duarte e Bravin dos Santos³, acrescenta o uso de sintagmas nominais sem determinantes, além dos demais sintagmas nominais que em geral restringem a referência a seres humanos como, por exemplo, *a pessoa, o sujeito, o cara*, como ocorre em:

- (11) Criança suja muito o chão.
 (12) O sujeito toma a droga e ameaça quebrar tudo.

De modo geral, fica clara que a abordagem científica do tema da indeterminação, além de delimitar a atuação dos critérios semântico e formal, permite verificar as diversas estratégias variáveis disponíveis na língua para a expressão da

³ O linguista não entra no mérito de que todas as estruturas constituídas de verbo na 3ª pessoa do singular + *se* constituem recursos de indeterminação. Embora o uso dessas estruturas não seja o cerne deste capítulo, deixo claro que adotarei o tratamento para essa questão em consonância com os postulados de Duarte e Bravin dos Santos, já que a indeterminação do referente em “alugam-se casas”, por exemplo, é suficiente para a observação dessas ocorrências como pertencentes ao fenômeno em estudo.

indefinitude dos referentes, o que se estabelece consoante graus de indeterminação e segundo diversos expedientes morfossintáticos e lexicais.

3. FUNDAMENTOS PARA A PROPOSTA DE ENSINO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO: O ENSINO DE GRAMÁTICA CONFORME OS TRÊS EIXOS

Levando-se em conta as orientações oficiais, a concepção de gramática a ser considerada pelos docentes em seu trabalho pedagógico diz respeito ao conhecimento que o falante possui sobre sua linguagem, que se coloca em atividade discursiva. Em termos metodológicos, as experiências que buscam seguir essa concepção propõem que seja feito um trabalho que valorize os gêneros textuais, concebendo o ensino dos conteúdos gramaticais por via instrumental.

A esse respeito, é importante levar em conta duas ressalvas feitas por Vieira (2014, 2017): o ensino de gramática baseado exclusivamente na concepção instrumental não é ponto pacífico entre os professores e, ainda que assumam essa concepção, terão de fazer grande esforço criativo a fim de não limitar seu trabalho ao reconhecimento e à exemplificação de categorias gramaticais, nem deixar de lado a variação linguística.

Considerando os questionamentos advindos dos professores de Língua Portuguesa aliados a concepções teóricas e metodológicas acerca do ensino de língua materna, foi elaborada, no âmbito da disciplina *Gramática, Variação e Ensino*, do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), a proposta experimental para o ensino de gramática levando em conta três eixos, conforme síntese apresentada no Capítulo 3 desta obra, retomada aqui brevemente.

O primeiro desses eixos consiste no ensino de gramática como atividade reflexiva e encontra fundamento, por exemplo, nos postulados de Franchi (2006). Conforme o autor, as atividades a serem realizadas em sala de aula, ao tratarem do componente gramatical, deveriam ser de três naturezas: linguística, epilinguística e metalinguística, destacando-se a necessidade de ênfase nos dois primeiros tipos de atividades para os anos iniciais da vida escolar.

Entendem-se por atividades linguísticas aquelas em que o aluno produz e compreende textos, visto que são atividades que propiciarão as condições para o desenvolvimento sintático dos alunos. Pensando especificamente no tema da indeterminação do sujeito, aqui se poderiam elencar as atividades de leitura ou de produção de certos gêneros textuais, como um artigo de opinião ou anúncio publicitário, por exemplo, em que os discentes exercitariam naturalmente, na recepção ou na produção, estratégias de indeterminação mais adequadas para determinados fins.

Já as atividades de caráter epilinguístico seriam aquelas que consistem em práticas nas quais o aluno opera sobre a linguagem, testando possibilidades, estabelecendo comparações e transformações sobre ela. Permitem, assim, o contato com a diversidade dos fatos gramaticais. Usando mais uma vez o tema da indeterminação, poderiam ser citadas, como exemplo, atividades em que se exigissem dos alunos o emprego de todo o repertório de indeterminação que conhecem, permitindo que refletissem sobre os efeitos dos mecanismos de indeterminação para o texto, dentre outras tarefas.

Franchi (2006) afirma que é a partir do contato com as atividades epilinguísticas e linguísticas que surge a “necessidade de se sistematizar um ‘saber’ linguístico”. Seria nessa etapa que a atividade metalinguística naturalmente aconteceria. Entendem-se como atividades metalinguísticas aquelas em que se exploram conteúdos gramaticais com o natural uso de nomenclaturas para a sistematização do conhecimento que se construiu.

O segundo eixo proposto por Vieira (2014) trata do componente gramatical para a compreensão do texto e tem como fundamentos teóricos postulados funcionalistas e discursivos, como os da perspectiva funcionalista de Neves (1990, 2006) e da abordagem Semiolinguística do Discurso exposta em Pauliukonis (2007).

Neves (2006) propõe que o ensino de gramática seja pautado através do texto, a unidade básica da língua em funcionamento. A pesquisadora trata de quatro grandes áreas que evidenciam a inter-relação gramática e texto, as quais tornam possível o trabalho com o componente linguístico na perspectiva discursivo-funcional: (i) a predicação, (ii) a criação da rede referencial, (iii) a modalização e (iv) a conexão de significados: formação de enunciados complexos.

Por outro lado, Pauliukonis (2007) assume uma concepção discursiva da unidade textual em que fica evidente o papel da gramática na codificação de sentidos internos e externos à materialização do enunciado. Em linhas gerais, a construção textual resulta de uma série de operações a partir de um mundo real, extralinguístico ou pré-textual que se concretiza por meio dos processos de transformação ou de organização macrotextual.

A síntese panorâmica das propostas vistas anteriormente em Neves e Pauliukonis – que reconhecem os elementos gramaticais dos vocábulos formais, sua constituição morfológica, passando pela construção sintagmática e oracional, até a construção e inter-relação de períodos como matéria de sentido – permite reafirmar a desejável articulação entre ensino de gramática e as atividades de leitura e produção de textos.

Pensando especificamente no objetivo do segundo eixo e na temática da indeterminação do sujeito, atividades em que se trabalhe com o efeito de sentido construído pelo uso da indeterminação na elaboração dos mais diversos gêneros textuais constituem um exemplo pontual da aplicação desse eixo na prática pedagógica.

Em complementação aos dois eixos de ensino já sistematizados, verifica-se a atuação do terceiro. Esse eixo de ensino tem como postulados os pressupostos sociolinguísticos, conforme aproveitados em artigos como os de Bortoni-Ricardo (2004), Vieira (2013) e Gorski e Freitag (2013).

Bortoni-Ricardo (2004) estabeleceu o que chamou de contínuos de variação, linhas imaginárias, a fim de contribuir para a compreensão da variação no Português do Brasil. Segundo ela, o estabelecimento dos contínuos é relevante porque evita a dose de preconceito que carregam termos como língua padrão, dialetos, variedades não padrão. Além disso, a outra justificativa para o estabelecimento dos contínuos seria o rompimento da impressão de que existem fronteiras rígidas entre esses termos, o que não constitui uma verdade.

Os contínuos estabelecidos por Bortoni-Ricardo seriam de três tipos, a saber: (i) o contínuo de urbanização (variedades rurais, rurbanas, urbanas), (ii) o contínuo de oralidade-letramento (das variedades mais típicas da cultura oral às mais típicas da cultura letrada) e (iii) o contínuo de monitoração estilística (que se verifica nas situações de maior ou menor atenção que se dispensa ao que se fala, consoante a influência de vários fatores). Esses contínuos devem ser compreendidos e levados em conta pelos professores de Língua Portuguesa em seu trabalho pedagógico.

Vieira (2013) apresenta a relevância do conhecimento acerca desses contínuos e da resultante complexidade que envolve a concepção de normas por parte dos professores no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa. Segundo a pesquisadora, deve ficar evidente para o docente que este não poderá se limitar aos moldes propostos na *norma gramatical* (aquela divulgada na GT), que certamente deixarão de fora estruturas pertencentes à *norma-padrão*, aquela idealizada pela elite letrada e que inspira a *norma culta* escrita e falada, variedade efetivamente praticada no Brasil⁴.

Gorski e Freitag (2013) apresentam posicionamento semelhante ao de Vieira a respeito da norma a ser ensinada pelos professores nas escolas. As pesquisadoras afirmam que os usos linguísticos a serem sistematicamente ensinados nas es-

⁴ A respeito da polissemia do termo norma, recomenda-se a leitura de Faraco (2008).

colas devem ser compatíveis com os das normas urbanas cultas de prestígio (norma “cultura”). Além disso, destacam a necessidade de os docentes conhecê-las, já que constituem normas heterogêneas em todas as instâncias de uso.

Ainda conforme Vieira (2013, p. 65), assume-se, assim, que, às aulas de Língua Portuguesa, cabe promover, considerando o *continuum* da variação, o reconhecimento e/ou domínio do maior número possível de variantes linguísticas. Dessa forma, o ensino estaria fundamentado em padrões reais, praticados nas normas de uso, e os “traços já arcaizantes” seriam apresentados ao aluno para que ele pudesse compreender estruturas que podem não pertencer ao seu repertório como, por exemplo, as que aparecem em textos literários de épocas passadas, já que não as usa cotidianamente. Desse modo, o ensino de Língua Portuguesa cumprirá o intento de tornar o aluno capaz de reconhecer essas estruturas e/ou produzi-las, se assim desejar.

Pensando mais uma vez na temática da indeterminação do sujeito, uma abordagem didática que privilegiaria o terceiro eixo de ensino pode ser observada, por exemplo, ao se trabalhar com atividades que valorizem diferentes gêneros textuais, em que certamente os alunos irão verificar diversas estratégias de indeterminação sendo empregadas.

Diante do exposto, o ensino de gramática como atividade reflexiva (Eixo I), aliado ao desenvolvimento da competência comunicativa (Eixo II), deve ser conjugado ao trabalho com a variação linguística (Eixo III) como condição, na maioria dos casos, para a promoção do letramento, seja no nível da leitura, seja no da produção de textos.

Foi com o intento de conjugar os três eixos de ensino, já explicitados, que elaborei o estudo dirigido apresentado na próxima seção. Meu objetivo não foi só o de propor um trabalho que permita aos discentes refletirem sobre o tema da indeterminação, mas também o de fazê-los compreender de que maneira esse componente linguístico está a serviço da construção de textos e interpretá-los; além disso, o estudo dirigido poderá dar-lhes subsídios para que elaborem textos fazendo uso de sujeitos indeterminados, sempre lhes mostrando a variação que naturalmente ocorre dentro dessa temática.

4. O ESTUDO DIRIGIDO PROPOSTO A RESPEITO DO TEMA DA INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

O estudo dirigido ora apresentado objetiva trabalhar com o tema da indeterminação do sujeito a partir dos três eixos de ensino de gramática já referidos.

Sugiro que seja trabalhado a partir do 9º ano do Ensino Fundamental por ser o ano final de uma etapa de estudos e também porque, após pesquisa prévia elaborada, concluí que os alunos detinham pouco ou nenhum conhecimento acerca do tema.

Cabe ressaltar que o estudo dirigido proposto é bastante detalhado e longo, já que cumpre vários propósitos que serão explicitados passo a passo nas atividades a serem descritas. Além disso, propicia um trabalho com vários gêneros textuais distintos, que foram contemplados pelos estudantes ao longo de todo o Ensino Fundamental. Desse modo, o material pode ser usado de forma integral ou parcial, a depender do perfil da turma, do planejamento da escola, dentre outros fatores.

O objetivo principal deste estudo é o de trabalhar o tema em questão no eixo da variação linguística, permitindo que os alunos elenquem as estratégias de indeterminação que conhecem e possam compará-las com outras a que tenham acesso nas atividades, ampliando, assim, seu repertório linguístico e sua reflexão. Desse modo, espera-se que eles reconheçam ou utilizem as estratégias de indeterminação, da forma mais adequada possível, nas mais diversas situações comunicativas, estando atentos às escolhas em relação aos contínuos de variação, sobretudo, os de monitoração estilística e oralidade-letramento, tomados aqui em conjunto.

Ademais, tem como objetivos específicos e secundários trabalhar a indeterminação: (i) como recurso sem o qual não se produziriam certos sentidos integrados aos mais diversos gêneros textuais (Eixo II) e (ii) como elemento que permite fazer uma reflexão sobre a língua (Eixo I), conforme os objetivos aprendidos no âmbito da disciplina *Gramática, Variação e Ensino* do Mestrado Profissional em Letras. As atividades que constituem o estudo dirigido são de cunho linguístico e epilinguístico (e, mais raramente, metalinguístico), conforme Franchi (2006), e, sempre que possível, abordam os três eixos planejados para o ensino de gramática de forma inter-relacionada, contextualizando o componente gramatical em diversos textos e situações discursivas.

Feitos esses esclarecimentos, passo à exposição das doze atividades planejadas, uma a uma, acompanhadas de uma breve descrição da tarefa e do que se pretende alcançar e promover ao propor que os alunos desenvolvam cada uma delas.

Proposta de Atividade I

A atividade descrita a seguir, de cunho linguístico, possui como objetivo verificar quais são as estratégias de indeterminação que os alunos detêm em suas práticas cotidianas. Lembro que, embora essas estratégias sejam registradas na modalidade escrita, objetivam reproduzir o que se usaria na fala. Cumpre enfatizar que o professor, ao propô-la, não deve mencionar o tema que será observado nas indagações, nem qualquer aspecto teórico-gramatical; antes, deve destacar o fato de não existir uma única resposta correta para cada um dos questionamentos, levando os discentes a assumirem a maior espontaneidade e liberdade possível para responder ao que for pedido, ativando seus conhecimentos gramaticais naturais. Ao realizar a atividade, os aprendentes estarão trabalhando com o Eixo I, sobretudo no plano das atividades linguísticas para o desenvolvimento de atividade reflexiva, e o Eixo III, cujo objetivo é ensinar gramática como expressão de variação.

Atividade:

Imagine as seguintes cenas e registre o que se pede:

- a) Você chega à sua sala de aula e percebe que o ventilador que estava quebrado foi consertado. Embora não saiba quem o consertou, deseja contar a novidade para sua turma. De que forma vai contar a eles? Escreva como diria isso.

- b) Você está em sala de aula copiando a matéria que está no quadro. A professora vai ao corredor atender o diretor, e um colega apaga o quadro. Você vai ao corredor contar a ela sobre o que aconteceu. Mesmo sabendo quem apagou o quadro, não deseja dedurar o colega à professora. Como contará isso?

- c) Você vê na lista da professora que um de seus colegas tirou dez na prova de Língua Portuguesa. Ainda que saiba quem foi, pretende fazer suspense e não revelar o nome do colega felizardo. Como vai contar isso para a turma?

Proposta de Atividade II

A Atividade II, de caráter epilinguístico, foi elaborada após a realização da Atividade I, pois percebi que, sem uma atividade reflexiva a respeito da aplicação dos testes de verificação de uso das estratégias de indeterminação, a primeira

atividade seria de pouca produtividade no ensino do conteúdo em questão. A Atividade II busca levar os alunos a refletirem sobre o sentido da indeterminação do sujeito, concluindo que, embora com objetivos distintos, as cenas da Atividade I tinham em comum a proposição de estratégias de indeterminação do referente seja por desconhecimento do agente, seja por não se desejar comprometimento diante de um grupo ou, ainda, pelo intuito de criar certo suspense em determinada situação. Sugiro, aqui, que se esclareça o conceito de indeterminação e o fato de que há diversas formas de fazê-lo, sem adentrar em nomenclatura gramatical e sem assumir que existiriam somente duas formas de concretizá-lo, conforme a GT. Ao responder aos questionamentos dessa atividade, os alunos estarão mais uma vez realizando uma atividade reflexiva, Eixo I, e também outra atividade em que se discute a temática da variação, Eixo III.

Atividade:

1) Após responder às questões da Atividade I, reflita um pouco sobre o exercício anterior e responda às perguntas abaixo.

a) Considerando os três itens, o que você observou em comum em relação às três situações comunicativas?

b) Você deu respostas semelhantes para as três situações?

c) No item a, você conhecia quem consertou o ventilador? De que maneira você contou aos colegas?

d) No item b, você sabia quem apagou o quadro? Como você contou à professora?

e) No item c, você sabia a autoria da ação que tinha que relatar? Mas você revelou aos colegas a identidade do colega? Por quê?

f) Como você pôde concluir, as três situações comunicativas apresentadas na Atividade I têm semelhanças quanto à referência ao agente em questão nessas frases. Qual é essa semelhança?

g) Para não identificar esse agente, você utilizou algumas estratégias de indeterminação. Compare com seu colega ao lado e verifique se os dois utilizaram as mesmas estratégias.

2) Relacione as situações apresentadas na Atividade I com o objetivo comunicativo de cada uma delas no que diz respeito à indeterminação do agente.

(A) A situação do ventilador que fora consertado.	(<input type="checkbox"/>) evitar dedurar o responsável pela ação para não se comprometer diante de um grupo do qual se faz parte.
(B) A situação do quadro que foi apagado.	(<input type="checkbox"/>) criar suspense em relação à identidade do agente de uma ação.
(C) A situação do colega que tirou dez na prova de Língua Portuguesa.	(<input type="checkbox"/>) desconhecer a identidade do praticante da ação.

Proposta de Atividade III

A Atividade III foi elaborada a partir de uma crônica disponibilizada na internet, criada pelo professor Samuel Galvão, com o intuito de mesclar várias estratégias de indeterminação do sujeito, não só as referendadas pela GT. Trata-se de uma atividade bem ampla, panorâmica, que chama a atenção para o fenômeno de forma mais direta e ao mesmo tempo integrada a um texto. Assim, com a tarefa proposta através do texto supracitado, os alunos terão a oportunidade de ter contato com diversas estratégias de indeterminação empregadas na fala e/ou no âmbito da escrita e também tomarão ciência de novas circunstâncias em que tais estratégias podem ser empregadas; no caso em questão, o efeito de sentido a ser observado será, sobretudo, o da generalização. Por fim, ressalto que, ao realizar tal atividade, os discentes estarão trabalhando com os três eixos de ensino propostos. Efetuarão uma atividade de reflexão sobre as questões da língua, de cunho epilinguístico, e que incita a compreensão das estruturas do texto na atividade de leitura, e realizarão uma atividade linguística (ambas pertencentes ao Eixo I); ademais, a tarefa considera as estratégias variáveis (Eixo III) e encaminha a uma reflexão sobre o uso das estratégias de indeterminação como recurso para a construção de sentido do texto (Eixo II).

Atividade:

Leia com atenção o texto abaixo:

1999

Vivia-se até 99. Hoje, já faz mais de dez anos que chove óleo e ácido. Propaga-se pelo mundo o discurso industrial pós-moderno da individualidade, da impotência e da inutilidade. Veem-se em toda parte injustiça, iniquidade e impunidade. Procuram desesperadamente se afirmar como geração merecedora de seu lugar na história, mas se conformam com futuros de plástico. Não reagem, cegos, surdos e mudos, apenas trabalham. Convencidos pela TV de que um dia serão musas de novela, craques do futebol ou milionários, mas não vão. Soltos no turbilhão de uma história que gira e gira e gira cada vez mais rápido, sem espaço para sentir o tempo, sem tempo para sentir o espaço.

Você acorda de um sono curto e sem sonhos que mais cansa que descansa. Toma um café amargo e azedo, de ontem e vai. De cabeça baixa, com as pernas fracas, os braços doídos e os olhos pesados, mas vai. Para a linha de montagem, montar máquinas e desmontar a vida. Você é, todos os dias, oito horas por dia ou mais se puder, um você sem eu, um você sem pulso, insensível, iludido e indeterminado.

E quando descobrirão a verdade? Ninguém sabe... Ninguém quer saber... Ninguém pode fazer nada, dizem, ninguém quer fazer nada, aceitam. A gente nem sabe realmente o que faz e porque não faz... reflexão, revolução, reparação. A gente nem tenta saber, a gente não quer. A gente se acostuma... mas não deveria.

Fonte: GALVÃO, S. M. 1999. Disponível em: <<https://samuelgalvao.wordpress.com/2011/07/23/texto-para-trabalhar-sujeito-indeterminado-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

a) O texto lido assume uma postura pessimista ou otimista a respeito do modo como vivemos atualmente? Cite um fragmento do texto que comprove sua resposta.

b) Há momentos no texto em que se percebe que o autor foi capaz de generalizar as ações mencionadas, fazendo com que se entenda que o que foi dito se aplica a um grupo inteiro. Que palavras ou expressões lhe permitem chegar a essa conclusão?

c) Após a leitura de “1999”, identifique, no próprio texto, o maior número possível de formas utilizadas pelo autor para não determinar quem é o sujeito

de algumas das orações que o constituem.

d) Faça uma lista abaixo, com o auxílio do professor, dos tipos de estruturas ou estratégias que possibilitaram ao autor indeterminar o sujeito nas orações que constituem o texto.

e) Pensando nas estratégias de indeterminação listadas, você acha que costumamos usar todas elas em nossas conversas espontâneas diárias? Em caso negativo, cite apenas as que você acha que costumam ser empregadas nesse tipo de situação.

f) Agora, pensando no âmbito da escrita, quais estratégias você acha que seriam mais empregadas quando estivermos redigindo textos bastante formais?

g) Você acha que há estratégias de indeterminação do sujeito que estão adequadas e costumam ser usadas tanto na fala quanto na escrita, em diversos graus de formalidade? Quais seriam?

h) Você acredita que seja possível reunir tantas estratégias de indeterminação do sujeito em um mesmo texto? Justifique sua resposta.

Proposta de Atividade IV

A atividade a seguir, de caráter epilinguístico, permitirá que, através do trabalho com tirinhas, os aprendentes façam uma reflexão quanto à distinção entre um referente definido e um referente indefinido, condição necessária para que haja a indeterminação do sujeito, e também quanto aos graus de indeterminação que o emprego de cada estratégia pode expressar. Tal atividade se faz necessária na medida em que, em muitas situações, os alunos encontrarão sujeitos preenchidos por pronomes ou formas nominais que não evocam uma referência determinada, sendo, portanto, “sujeitos indeterminados”. Saber distinguir um sujeito como tendo referência definida ou indefinida é uma faculdade essencial para que os alunos consigam identificar, não obstante os limites da tipologia tradicional, um sujeito como “determinado” ou “indeterminado”. Cumpre ressaltar a necessidade de uma explicação prévia por parte dos docentes acerca da noção de referenciação em textos e também sobre o fato de que a indeterminação estabelece graus de indeterminação distintos dependendo de qual forma foi empregada para se indeterminar. Assim sendo, com essa atividade serão trabalhados o Eixo I, por meio da proposta de reflexão sobre referente definido e indefinido, bem como o Eixo II, pela comparação entre os usos em gêneros textuais distintos (tirinha e

crônica). Ademais, estaremos trabalhando novamente com o Eixo III, ao contemplarmos, ainda que indiretamente, os contínuos de variação.

Atividade:

1) Leia as tirinhas a seguir.

Texto I



(Fonte: QUINO. *Mafalda*. IN: BLOG CLUBE DA MAFALDA. Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2006_01_01_archive.html#.WSg0lWjyvDc>. Acesso em: 14 mai. 2014).

Texto II



(Fonte: QUINO. *Mafalda*. In: MARTINSBLOGGER. Disponível em: <<http://martins-outono.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 14 mai. 2014).

a) Nas frases (a) “E você **queria** que me ensinassem a escrever numa aula só?” (Texto I) e (b) “Por que os adultos ficam dizendo e fazendo coisas que a gente não **entende**?” (Texto II), é possível assinalar os sujeitos dos verbos sublinhados? Em caso afirmativo, quais seriam?

b) Os sujeitos dos verbos destacados na questão anterior (a) fazem referência a seres que podem ser determinados? Em caso afirmativo, a quem se referem os sujeitos das frases (a) e (b)?

2) Agora, leia as frases abaixo, retiradas do texto “1999”.

I) “Você acorda de um sono curto e sem sonhos que mais cansa que descansa.”

II) “A gente se acostuma... mas não deveria.”

a) Comparando a Frase I com a da fala do personagem Filipe (frase a), no primeiro quadrinho, em que também há o uso de *you* como sujeito, em qual dos casos é possível perceber que o uso do pronome em questão é um sujeito de referência determinada ou definida? Por quê?

b) Agora, compare a Frase II com a frase da personagem Susanita (frase b). É possível dizer que na Frase II não há uma referência definida para o sujeito do verbo “acostumar-se”? Por quê?

c) Após refletir sobre a questão da referência nos itens anteriores, pense apenas nas frases I e II. Você já pôde perceber que “you” e “a gente” constituem dois sujeitos de referência indefinida e, portanto, poderiam ser considerados como “sujeitos indeterminados”. Entretanto, em se tratando de graus de indeterminação, você considera que as duas formas admitem o mesmo grau ou haveria uma mais indeterminada do que a outra? Justifique sua resposta.

Proposta de Atividade V

A Atividade V permitirá aos discentes ter contato com diversos gêneros textuais, muitos já vistos ao longo do Ensino Fundamental, a fim de verificar o emprego de estratégias de indeterminação do sujeito em cada um deles e também refletir sobre o efeito de sentido construído pelos autores ao empregar determinada estratégia em cada situação comunicativa. Logo, ao desenvolver essa atividade, o aluno estará: refletindo sobre o uso das estratégias de indeterminação na construção de diferentes gêneros textuais (Eixo I), contemplando os contínuos de oralidade-letramento e monitoração estilística (Eixo III) e também os efeitos de sentido obtidos pelo autor ao utilizar as estratégias de indeterminação do sujeito em cada gênero (Eixo II).

Atividade:

Como você viu nas quatro atividades anteriores, quando não se quer determinar o referente, independentemente do motivo (criar suspense, omitir uma informação desconhecida, generalizar, não se envolver/modalizar o discurso, por exemplo), podem ser utilizadas diferentes estratégias para fazê-lo.

1. Leia os textos a seguir e identifique, em cada um deles, ao menos uma construção em que o sujeito foi indeterminado e qual o efeito obtido pelo autor ao fazê-lo em cada uma das situações comunicativas.

a) Propaganda do jornal *Extra*

DIZEM QUE ELAS SÃO O SEXO FRÁGIL, MAS AS HISTÓRIAS PROVAM O CONTRÁRIO.

Prêmio **toda** EXTRA

CHEGOU A HORA DE RECONHECER E HOMENAGEAR AS MULHERES QUE FORAM VERDADEIRAS FONTES DE INSPIRAÇÃO EM 2014.

CATEGORIA	CATEGORIA	CATEGORIA	CATEGORIA
A VOZ DOS CARIOCAS Marilena Gomes	EM NOME DA LEI Luciana Tamburini	MAMÃE NOEL DA PAZ Goldardo Juliana Garcia	RECICLAGEM DE SONHOS Stéphanne Oliveira
DO LUTO À LUTA Renata Guerra	NEGÓCIO NOTA 10 Adriana Carolina, Adriana Palermo e Michele Oliveira	PINTOU E DISSE Pamela Castro	TODA LEITORA - EMBELLEZE Inscreva sua história. Acesse o site extra.globo.com/promocao ou mande um e-mail para todaextra@extra.ryf.br até 15/03.

Conheça as histórias das homenageadas

(Fonte: Jornal *Extra*, 10/03/2015).

Estratégia(s): _____

Efeito: _____

b) Texto de autoajuda de Paulo Coelho



Paulo Coelho / Maktub

A vida

▶ A vida é como uma grande corrida de bicicleta — cuja meta é cumprir a lenda pessoal. Na largada, estamos juntos — compartilhando camaradagem e entusiasmo. Mas, à medida que a corrida se desenvolve, a alegria inicial cede lugar aos verdadeiros desafios: o cansaço, a monotonia, as dúvidas quanto à própria capacidade. Reparamos que alguns amigos desistiram do desafio e nos distanciamos deles. Então, somos obrigados a enfrentar a solidão. Perguntamo-nos, finalmente, se vale a pena tanto esforço. Sim, vale. É só não desistir.

(Fonte: Jornal *Extra*, 10/03/2015).

Estratégia(s): _____

Efeito: _____

c) Letra de música



Pois é
(Ataulfo Alves)

Pois é
Falaram tanto que desta vez
A morena foi embora
Disseram que ela era a maior
E eu é quem não soube aproveitar
Endeusaram a morena tanto, tanto
Que ela resolveu me abandonar

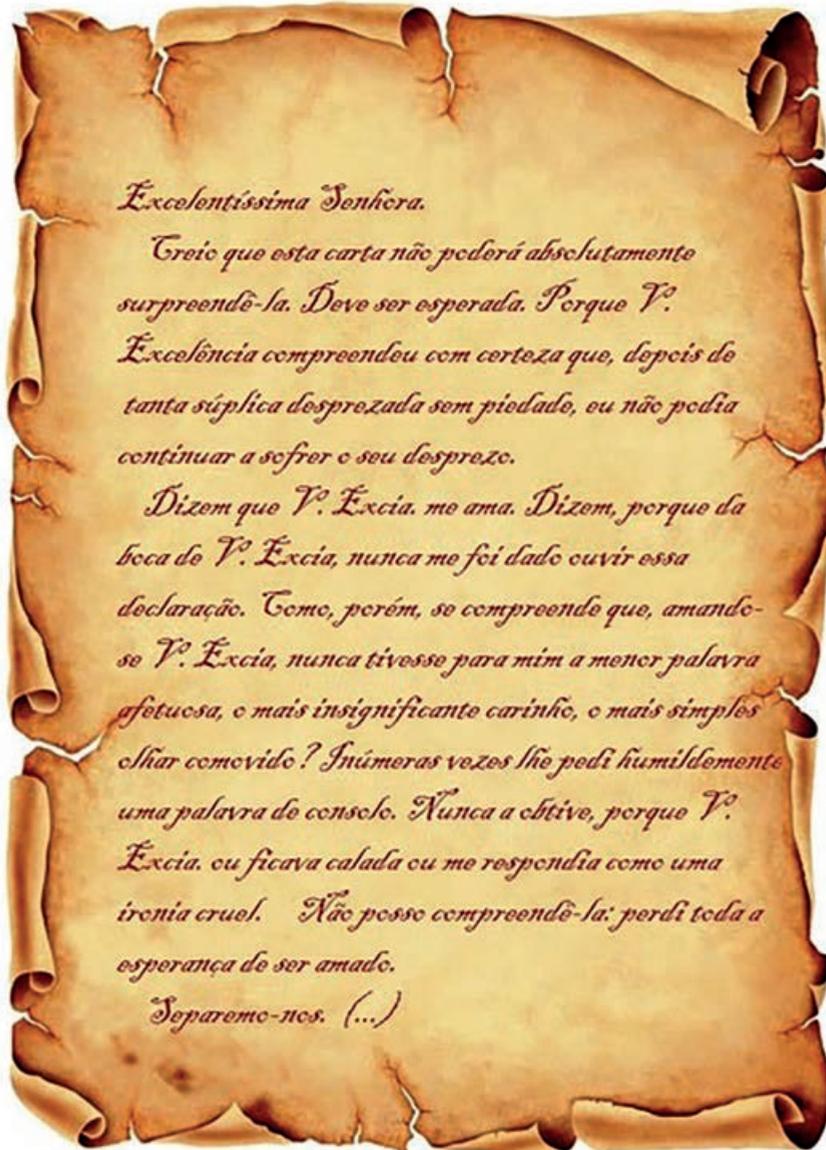
A maldade nessa gente é uma arte
Tanto fizeram que houve a separação, ai, ai, ai
Mulher a gente encontra em toda parte
Mas não se encontra a mulher que a gente
tem no coração

(Fonte: ALVES, Ataulfo. *Pois é*. 1955. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ataulfo-alves/66723>>. Acesso em: 14 mai. 2014).

Estratégia(s): _____

Efeito: _____

d) Trecho de carta escrita pelo poeta Olavo Billac:



(Fonte: BILLAC, O. *Carta para noiva*. Disponível em: <<http://portlinguagens.blogspot.com.br/2008/03/portugus-aula-2-as-variedades.html>>. Acesso em: 14 mai. 2014).

Estratégia(s): _____

Efeito: _____

2. Após observar as estratégias de indeterminação vistas nos quatro textos anteriores bem como o efeito de sentido obtido pelos autores dos textos, reflita sobre as respostas dadas.

- a) Alguma estratégia de indeterminação foi empregada em **mais** de um texto?
- b) Alguma estratégia de indeterminação foi empregada **apenas** em um texto?
- c) Em caso afirmativo, qual(is)?

Proposta de Atividade VI

A Atividade VI pretende estimular os alunos, primeiramente, a lerem textos pertencentes ao gênero anúncio publicitário, para, em seguida, produzirem textos relativos a esse gênero, tendo por base alguns anúncios que serão vistos na própria atividade ou outros que já tenham sido vistos anteriormente, empregando alguma estratégia de indeterminação. Dessa forma, pretende-se fazer com que eles trabalhem com uma atividade de cunho linguístico no plano textual (Eixos I e II). Além disso, objetiva-se apresentar sentenças que contenham a estrutura verbo na 3ª pessoa do singular + *se*, estrutura essa pouco familiar aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e mais típica de grau de formalidade de intermediário a alto (Eixo III). Logo, os alunos terão contato com uma das formas de indeterminar o sujeito conforme apregoa a GT.

Atividade:

Leia os anúncios a seguir⁵. Sua tarefa nesta atividade consistirá na elaboração de um anúncio publicitário que **pode se basear ou não** nos modelos apresentados. Não se esqueça de dizer onde você o divulgaria. Seu anúncio poderia ser escrito a fim de ser colocado em postes no bairro onde mora, publicado em um jornal de bairro, em *outdoors* espalhados pela cidade, distribuído nas ruas por pessoas ou até mesmo em jornais de grande circulação.

⁵ O primeiro anúncio foi fotografado em bairro do Rio de Janeiro e os demais resultaram de pesquisa em banco de imagens.



**PRECISA-SE DE
MOTOBOY**



COMPARECER À
RUA AGUAPEI, 590 - SANTA MARIA
TRAVESSA DA RUA MADRÁ

TELEFONES
11-6516-6230 / 11-6379-6230
FALAR COM BIRA em JESSICA



Bira
TRANSPORTES
O tempo todo em pouco tempo.

VENDE-SE

**2 LOTES(15x8 cada) NO
LOTEAMENTO SÃO BENTO
EM MONTE GORDO.**

 (71) **9235.8916** (TIM)

Registre, no quadro a seguir, seu anúncio:

- Em que local seu anúncio será publicado?
- Você usou alguma estratégia de indeterminação em seu anúncio? Em caso afirmativo, qual foi a estratégia empregada?
- Você considera que a escolha dessa estratégia foi influenciada por conta do local em que decidiu publicá-lo e também devido ao público-alvo a que se destina?

Proposta de Atividade VII

A atividade descrita a seguir propõe aos alunos o estudo do gênero artigo de opinião e de sua estrutura, possibilitando a interpretação de um texto pertencente a esse gênero e a verificação do emprego de estratégias de indeterminação em sua construção. A atividade suscita a conclusão de que se trata de um gênero com certo grau de formalidade e que privilegia o uso de generalizações, favorecendo,

assim, estratégias de indeterminação mais formais verificadas na modalidade escrita. Ao realizá-la, os estudantes estarão, portanto, efetuando uma atividade epilinguística (Eixo I), que os leva a refletir sobre o emprego de diferentes estratégias de indeterminação num artigo de opinião (Eixo III) através das faculdades de leitura e compreensão de texto (Eixo II).

Atividade:

O artigo de opinião é um gênero textual que consiste na apresentação dissertativa do ponto de vista do autor sobre determinada questão, quase sempre polêmica e de interesse coletivo. Leia o artigo apresentado e, em seguida, responda ao que se pede.

A ÁGUA NO MUNDO E SUA ESCASSEZ NO BRASIL

[...] Nenhuma questão hoje é mais importante do que a da água. Dela depende a sobrevivência de toda a cadeia da vida e, conseqüentemente, de nosso próprio futuro. Ela pode ser motivo de guerra como de solidariedade social e cooperação entre os povos. Especialistas e grupos humanistas já sugeriram um pacto social mundial ao redor daquilo que é vital para todos: a água. Ao redor da água se criaria um consenso mínimo entre todos, povos e governos, em vista de um bem comum, nosso e do sistema-vida

[...] Existe no planeta cerca de **um bilhão e 360 milhões de km cúbicos** de água. Se tomarmos toda a água dos oceanos, lagos, rios, aquíferos e calotas polares e a distribuíssemos equitativamente sobre a superfície terrestre, a Terra ficaria mergulhada debaixo da água a três km de profundidade.

O problema é que se encontra desigualmente distribuída: 60% em apenas 9 países, enquanto 80 outros enfrentam escassez. Pouco menos de um bilhão de pessoas consome 86% da água existente enquanto para 1,4 bilhões é insuficiente (em 2020 serão três bilhões) e para dois bilhões, não é tratada, o que gera 85% das doenças segundo OMS. Presume-se que em 2032 cerca de 5 bilhões de pessoas serão afetadas pela escassez de água.

O Brasil é a potência natural das águas, com 12% de toda água doce do planeta perfazendo 5,4 trilhões de metros cúbicos. Mas é desigualmente distribuída: 72% na região amazônica, 16% no Centro-Oeste, 8% no Sul e no Sudeste e 4% no Nordeste. Apesar da abundância, não sabemos usar a água, pois 37% da água tratada é desperdiçada, o que daria para abastecer toda a França, a Bélgica, a Suíça e norte da Itália. É urgente, portanto, um novo padrão cultural em relação a esse bem tão essencial (cf. o estudo mais minucioso organizado pelo saudoso Aldo Rebouças, *Águas doces no Brasil*: Escrituras, SP, 2002).

[...] Há uma corrida mundial para privatização da água. Aí surgem grandes empre-

sas multinacionais como as francesas Vivendi e Suez-Lyonnaise, a alemã RWE, a inglesa Thames Water e a americana Bechtel. Criou-se um mercado das águas que envolve mais de 100 bilhões de dólares. Aí estão fortemente presentes na comercialização de água mineral a Nestlé e a Coca-Cola que estão buscando comprar fontes de água por toda a parte no mundo, inclusive no Brasil.

Mas há também fortes reações das populações como ocorreu no ano 2000 em Cochabamba na Bolívia. A empresa americana Bechtel comprou as águas e elevou os preços a 35%. A reação organizada da população botou a empresa para correr do país.

O grande debate hoje se trava nestes termos: A água é fonte de vida ou fonte de lucro? A água é um bem natural, vital, comum e insubstituível ou um bem econômico a ser tratado como recurso hídrico e posto à venda no mercado?

Ambas as dimensões não se excluem, mas devem ser retamente relacionadas. Fundamentalmente a água pertence ao direito à vida, como insiste o grande especialista em águas Ricardo Petrella (*O Manifesto da Água, Vozes, 2002*). Nesse sentido, a água de beber, para uso na alimentação e para higiene pessoal e dessedentação dos animais deve ser gratuita.

Como, porém, ela é escassa e demanda uma complexa estrutura de captação, conservação, tratamento e distribuição, implica uma inegável dimensão econômica. Esta, entretanto, não deve prevalecer sobre a outra; ao contrário, deve torná-la acessível a todos e os ganhos devem respeitar a natureza comum, vital e insubstituível da água. Mesmo os altos custos econômicos devem ser cobertos pelo Poder Público.

[...]Uma fome zero mundial, prevista pelas Metas do Milênio, deve incluir a sede zero, pois não há alimento que possa existir e ser consumido sem a água.

A água é vida, geradora de vida e um dos símbolos mais poderosos da natureza da Última Realidade. Sem a água não viveríamos.

(BOFF, Leonardo. *Jornal do Brasil*, 02/02/15).

- a) O texto anterior constitui um artigo de opinião, gênero textual em que a pessoa que o escreve assume um posicionamento sobre determinado fato defendendo sua tese (ideia principal) por meio de argumentos. A respeito de que assunto se posiciona o autor?
- b) Que tese (ideia principal) é defendida no texto?
- c) Que argumentos são utilizados pelo autor para defender a sua tese?

d) Uma das características do gênero artigo de opinião é o uso de generalizações como instrumento de argumentação. Nessas generalizações, é comum o uso de verbo na 3ª pessoa do plural ou de verbo na 1ª pessoa do plural. Você conseguiu identificar algum(ns) caso(s) de indeterminação do sujeito com efeito generalizador empregado no texto em questão? Em caso afirmativo, cite-o(s).

e) Em “Presume-se que em 2032 cerca de 5 bilhões de pessoas serão afetadas pela escassez de água”, qual foi a estratégia de indeterminação utilizada?

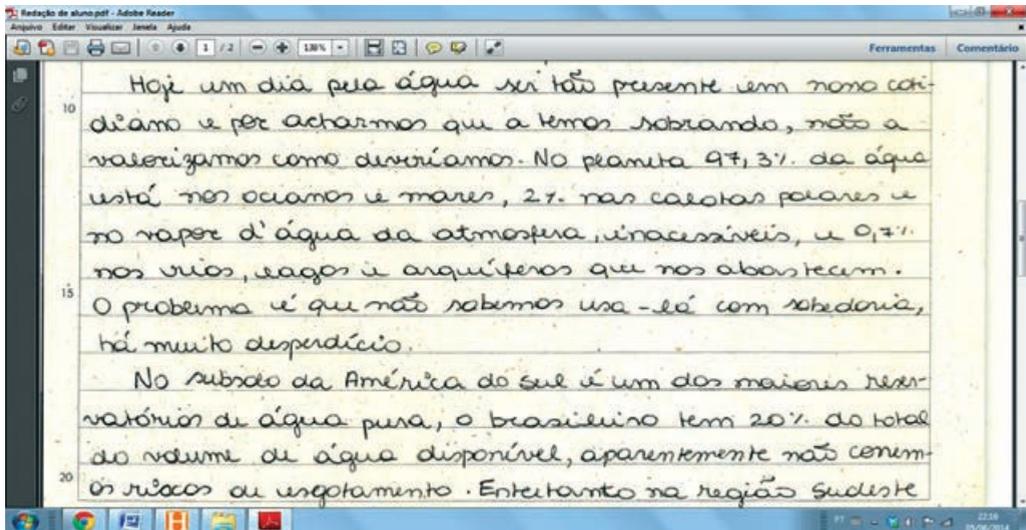
f) Você encontrou dois tipos de estratégias de indeterminação distintos empregados no artigo de opinião escrito por Leonardo Boff. Você considera que as duas formas de indeterminar costumam ser verificadas em qualquer gênero textual? Justifique sua resposta.

Proposta de Atividade VIII

A Atividade VIII propõe um diálogo com a atividade anterior tendo por base um trecho de um artigo de opinião produzido por uma aluna do Ensino Fundamental a respeito da mesma temática: a água. O objetivo aqui é o de explorar ainda mais a indeterminação do sujeito no gênero artigo de opinião, aprofundando as discussões a respeito das estratégias de indeterminação, que começaram a ser implementadas na atividade anterior, principalmente com relação ao uso da forma pronominal *nós*. Essa atividade se justifica na medida em que, a partir de resultados de estudos sociolinguísticos e também da prática docente de correção de produções textuais, pode-se verificar o grande uso dessa forma pronominal (expressa/não expressa), apesar de não ocorrer menção a esse uso nos materiais didáticos que foram analisados. Percebe-se a necessidade de levar os alunos a refletirem sobre o uso dessa estratégia que, mesmo não sendo contemplada pela GT, constitui uma forma de indeterminação muito produtiva tanto no âmbito da fala quanto no da escrita. Ao realizar a Atividade VIII, os alunos estarão trabalhando com os três eixos de ensino, pois refletirão sobre as estratégias que foram empregadas no gênero artigo de opinião (Eixo I), ao trabalhar com a variante *nós*, estarão contemplando a temática da variação (Eixo III) e, por fim, ao se trabalhar com o gênero em questão e as estratégias que costumam ser empregadas nele, estarão explorando o Eixo II.

Atividade:

Leia um trecho da redação de uma aluna do 9º ano do Ensino Fundamental que argumenta sobre a necessidade da economia de água. Em seguida, faça o que se pede.



- a) A respeito das estratégias de indeterminação do sujeito, a aluna utilizou-se de uma estratégia diferente das que foram empregadas no artigo de opinião visto na atividade anterior? Qual estratégia foi essa?
- b) Nas frases a seguir: “Presume-se que em 2032 cerca de 5 bilhões de pessoas serão afetadas pela escassez de água” e “O problema é que não sabemos usá-la com sabedoria, há muito desperdício”, foram usadas duas estratégias distintas de indeterminação do sujeito. Identifique-as.
- c) Você considera que uma dessas estratégias de indeterminação seja mais formal do que a outra? Em caso afirmativo, qual você acredita ser mais formal e qual seria menos?
- d) Você acredita que ambas costumam ocorrer na fala e na escrita? Em caso afirmativo, ocorreriam com a mesma produtividade ou em proporções diferentes?
- e) Agora que já trabalhamos bastante com a questão da indeterminação, sua tarefa será pesquisar em diferentes gêneros textuais, da fala e/ou da escrita, as variadas estratégias de indeterminação que foram empregadas. Faça sua pesquisa com muito cuidado e atenção, pois na aula seguinte você irá apresentar para a turma os gêneros pesquisados e as diferentes estratégias que encontrou neles.

Proposta de Atividade IX

Esta atividade pressupõe a realização da atividade anterior. Nela, solicita-se aos alunos que realizem uma sistematização das conclusões a que eles mesmos chegaram quanto aos usos das estratégias de indeterminação do sujeito em textos falados e escritos. Tal sistematização irá ocorrer a partir da elaboração de contínuos de variação segundo possíveis graus de monitoração estilística, do mais formal ao menos formal. Cumpre destacar que, obviamente não se propõem respostas únicas no estabelecimento desses contínuos; entretanto, espera-se um planejamento possível baseado no referencial teórico a que os professores tiveram acesso e na observação dos alunos sobre o tema em questão, como, por exemplo, verificando que há formas alternantes mais típicas de situações comunicativas consideradas mais monitoradas e outras não, e que há formas mais neutras, usadas em situações com diversificados graus de indeterminação do sujeito. Com esta atividade, os alunos estarão trabalhando com os três eixos de ensino, já que refletirão (Eixo I) quanto às variadas estratégias de indeterminação (Eixo III) empregadas em situações comunicativas com diversos efeitos de sentido (Eixo II).

Atividade:

Você já sabe que há diversos gêneros textuais e que cada um deles pode ser construído dependendo de determinados fatores, entre eles, o uso mais ou menos monitorado da língua que se espera em cada situação comunicativa. Ao longo das atividades que foram realizadas neste estudo dirigido, você percebeu que há diversas estratégias de indeterminação do sujeito e que o uso de uma ou de outra depende do grau de monitoramento do usuário da língua em relação à situação comunicativa em que se encontra. Agora, observe a linha abaixo.

+ monitorado

+ - monitorado

- monitorado

A pesquisadora Stella Maris Bortoni-Ricardo estabeleceu três contínuos, espécie de linhas imaginárias contínuas, em que se poderia compreender melhor a variação linguística do Português do Brasil. A linha acima trata do contínuo que ela chamou de monitoração estilística. Nesse contínuo, situam-se desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do usuário da língua.

1) Sua tarefa agora será a de voltar aos exercícios anteriores, verificando as estratégias de indeterminação vistas, e tentar localizá-las em duas linhas, uma para a fala e outra para a escrita. Disponha as estratégias em três porções: estilo de monitoração mais monitorado (grau máximo), estilo de monitoração mais ou menos monitorado (grau intermediário) e, por fim, estilo menos monitorado (grau mínimo). Você também poderá acrescentar, se julgar necessário, outras estratégias não verificadas nas atividades anteriores.

2) Após dividir as estratégias de indeterminação nas linhas de contínuo propostas no item anterior, responda às questões.

- a) Há estratégias de indeterminação que podem ser empregadas em várias partes do contínuo, seja da fala ou da escrita?
- b) Quais estratégias parecem ser mais específicas para determinado ponto do contínuo, seja na linha da fala ou na da escrita?
- c) Quais estratégias praticamente só seriam empregadas na fala?
- d) E quais só seriam empregadas na escrita?

Proposta de Atividade X

A atividade descrita a seguir pretende fazer com que os alunos, a partir de um trecho de outro artigo de opinião, também escrito por uma estudante do Ensino Fundamental, pensem nas estratégias de indeterminação empregadas por ela e na questão da adequabilidade dessas estratégias no que diz respeito ao quesito avaliação de um professor, e façam a reescritura do trecho caso julguem necessário. Assim, valoriza-se mais uma vez o texto do próprio aprendiz e oportuniza-se que os discentes trabalhem novamente com os três eixos de ensino, já que refletirão sobre o tema da indeterminação do sujeito (Eixo I), lidarão com o efeito das estratégias de indeterminação no gênero artigo de opinião (Eixo II) e terão mais uma oportunidade de trabalhar com a questão da variação (Eixo III) dentro da temática da indeterminação do sujeito.

Atividade:

Leia o trecho da redação a seguir. Trata-se de parte de um artigo de opinião escrito por uma aluna do 9º ano de 2014.

23 Eu ^{isso} posso matar pra tentar mudar isso com
 24 16, eu só posso tentar ganhar alguma experiência
 25 trabalhista aos 14. Mas eu posso matar, estuprar e
 roubar desde sempre. Eu posso xingar minha pro-
 fessora, posso juntar meus amigos e estuprar ~~uma~~
~~minha~~ minha prima de 11 anos, posso assaltar que
 nada vai me acontecer. Porque eu sou "de menor",
 porque a lei me protege, porque eu posso matar e
 não posso apavorar, porque minha mãe responde pe-
 los meus atos, porque eu sou "de menor".
 É visando isso tudo que eu sou a favor da
 redução da maioridade penal para os 6 anos. Quan-
 to mais cedo aprenderem melhor. Se sem mentalida-
 de pra planejar um crime, em pra pagar por
 seus atos.

- a) Houve emprego de alguma(s) estratégia(s) de indeterminação nesse trecho? Em caso afirmativo, qual(is) estratégia(s)?
- b) Você considera que, por ser um texto que será avaliado e corrigido por um professor, a estratégia predominantemente empregada foi a mais adequada? Lembre-se de que essa situação comunicativa privilegia, comumente, o uso de estruturas compatíveis com alto grau de formalidade na modalidade escrita.
- c) Reescreva o trecho nas linhas abaixo, substituindo a estratégia empregada por outra que julgar conveniente à situação comunicativa em questão.

Proposta de Atividade XI

A Atividade XI direciona os alunos a pensarem sobre o fato de que há diferentes graus de indeterminação do sujeito quando se empregam determinadas estratégias em situações do cotidiano. Assim, estarão trabalhando com os três eixos de ensino de gramática, pois, mais uma vez, irão refletir sobre esse tópico da Língua Portuguesa (Eixo I), contextualizado em situações comunicativas (Eixo II) e manifesto por formas alternantes, em variação (Eixo III).

Atividade:

Você já viu, através dos exercícios anteriores, que há diferentes maneiras de indeterminar um sujeito. Mas já pensou no fato de que nem sempre desejamos indeterminá-lo por completo? Já pensou que, às vezes, deixamos certas pistas para que o nosso interlocutor possa tentar chegar ao referente? Já pensou que há, em outras palavras, graus de indeterminação do sujeito? Há, por exemplo, um grau de indeterminação em que não temos nenhuma pista de quem seria esse sujeito, em que não podemos determiná-lo de forma alguma. Podemos identificar esse grau como grau de indeterminação máximo. Há, por outro lado, uma situação em que podemos perceber que o sujeito está incluído num grupo ou até mesmo que o falante se inclui nesse grupo. Podemos considerar que esse quadro em que temos “pistas” de quem seria esse sujeito pode expressar um grau de indeterminação intermediário.

Agora, vamos listar uma série de frases retiradas dos textos que compõem os exercícios anteriores. Sua tarefa será a de **preencher** o quadro a seguir, colocando as estratégias que conseguiu identificar como sendo aquelas em que não podemos recuperar o referente de modo algum, portanto, construções que expressam um grau de indeterminação máximo, pleno; e aquelas em que podemos ao menos definir o sujeito como sendo pertencente a um grupo, mesmo que não possamos determiná-lo. Para tanto, volte aos textos de modo a contextualizar essas frases.

- I) “Você acorda de um sono curto e sem sonhos que mais cansa que descansa.” (crônica “1999”, Atividade III)
- II) “A gente se acostuma.” (crônica “1999”, Atividade III)
- III) “O problema é que não sabemos usá-la com sabedoria, há muito desperdício.” (trecho de redação de aluna sobre a água, Atividade VIII)
- IV) “Precisa-se de motoboy.” (anúncio publicitário, Atividade VI)
- V) “Eu só posso votar pra tentar mudar isso aos 16, eu só posso tentar ganhar alguma experiência trabalhista aos 14.” (trecho de redação, Atividade X)
- VI) “Já te ensinaram a escrever?” (trecho da tirinha I, Atividade IV)
- VII) “Ninguém sabe...” (crônica “1999”, Atividade III)
- VIII) “Dizem que elas são o sexo frágil.” (propaganda do jornal *Extra*, Atividade IV)
- IX) “Sem a água não viveríamos.” (artigo de opinião, Atividade VII)

Grau de indeterminação máximo	Grau de indeterminação intermediário

Proposta de Atividade XII

Após as atividades anteriores, esta última apresenta aos alunos a maneira como um livro didático costumeiramente aborda o tema da indeterminação do sujeito, listando apenas duas formas de indeterminá-lo. Objetiva-se com isso despertar o senso crítico dos discentes com relação ao fato de que há fenômenos na língua, como a indeterminação do sujeito, pouco considerados em manuais didáticos ou gramáticas tradicionais. Concluindo o trabalho levantando essa questão, mostra-se a eles o descompasso entre as descrições gramaticais e o uso da língua no cotidiano. Tem-se, portanto, dentro da abordagem reflexiva do componente gramatical, não só uma atividade epilinguística, mas também uma sistematização através de uma atividade metalinguística; assim trabalharemos, aqui, com o Eixo I do ensino de gramática.

Atividade:

Leia o excerto, retirado do livro didático do 8º ano, dos autores Cereja e Magalhães, 2012, p. 28.

Sujeito indeterminado é aquele que não aparece expresso na oração nem pode ser identificado, ou porque não se quer ou por se desconhecer quem pratica a ação.

Na língua portuguesa, indetermina-se o sujeito de duas formas:

- colocando-se o verbo (ou o auxiliar, se houver locução verbal) na **3ª pessoa do plural**:
Telefonaram para você hoje cedo. **Estão telefonando** para você desde cedo.
- empregando-se o pronome **se** junto com verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação na **3ª pessoa do singular**:
Fala-se muito dos efeitos dos raios infravermelhos. (verbo intransitivo)
Precisa-se de profissionais competentes. (verbo transitivo indireto)
Era-se mais calmo antigamente. (verbo de ligação)

O pronome **se**, nesse caso, recebe o nome de **índice de indeterminação do sujeito**.

Agora, responda:

- a) A explicação sobre o conteúdo “sujeito indeterminado” foi retirada do livro didático que você utilizou no ano passado. Nela, afirma-se que há apenas duas formas de indeterminarmos o sujeito. Cite-as.
- b) Com base nos exercícios anteriores, você concorda com a afirmação do livro didático a respeito da quantidade de formas de se indeterminar o sujeito? Por quê?
- c) Como vimos ao longo dos exercícios anteriores, embora o livro didático apresente somente duas formas de indeterminar o sujeito em uma oração, há outras formas de construí-lo. Liste outras estratégias vistas nos exercícios anteriores que permitem realizar a indeterminação do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dirigido proposto neste texto, ainda que bastante extenso, como já mencionei, está longe de esgotar o complexo tema da indeterminação do sujeito. Como dito anteriormente, objetivei propor algo diversificado, ampliando o tema, trazendo à luz os três eixos de ensino de gramática. Para tanto, as atividades planejadas tomaram por base não só alguns resultados científicos acerca da indeterminação do sujeito, mas também a fundamentação teórica adquirida em relação aos propósitos da área, à desejável conexão gramática e texto, e, ainda, ao tratamento da variação privilegiando os contínuos de oralidade-letramento e monitoração estilística.

Dessa forma, meu desejo era o de fugir da profusão de atividades já existentes, passar ao largo de exercícios que apenas cobram metalinguagem ou fazem o aluno reproduzir e repetir teorias ou descrições incompletas, sem pensar nas diversas possibilidades que nosso idioma oferece de dizer o mesmo com recursos diferentes.

De modo geral, acredito que consegui trabalhar a gramática como atividade reflexiva (Eixo I) em quase todos os exercícios do estudo dirigido, uma vez que o conjunto deles, quando aplicados, permitirá aos discentes ampla reflexão sobre o conceito, os efeitos e os graus de indeterminação do sujeito, seja por atividades de cunho linguístico, epilinguístico e, mais raramente, metalinguístico.

A respeito da conexão entre o tema linguístico e sua inserção no plano da construção de sentidos nas atividades de leitura e produção textuais (Eixo II),

também creio que foi possível trabalhá-lo ao longo das diversas atividades propostas. Em algumas delas, as próprias tarefas de leitura e produção textual, direcionadas à reflexão sobre a indeterminação ou sobre a variação das estratégias de indeterminação, já constituíram por si mesmas uma articulação entre o tema gramatical e o nível textual. Nesse sentido, lançar mão de vários gêneros textuais, muitos deles já contemplados antes do 9º ano do Ensino Fundamental, foi um importante instrumento de contextualização do fenômeno gramatical em diferentes situações comunicativas.

Em se tratando do último eixo proposto para o ensino de gramática, o relativo à variação linguística, acredito, ainda, que também consegui trabalhá-lo ao longo das atividades do estudo dirigido em maior ou menor medida. Além do uso do material diversificado, que permitiu o contato dos estudantes com as diversas estratégias de indeterminação do sujeito disponíveis em nossa língua materna, atividades linguísticas e epilinguísticas objetivaram despertar a consciência do aluno para os recursos cujos usos variam em função de sua inserção em gêneros da fala ou da escrita, e em graus diferentes de monitoração estilística.

O estudo dirigido aqui apresentado não ignora que há variantes prestigiadas para determinados contextos; no entanto, não trabalha com a imposição nociva de certo padrão que nega a existência de variantes do universo do estudante e tenta substituí-las, em geral, sem qualquer justificativa, amparada em um conceito rígido de norma-padrão, incompatível com a norma culta (de uso), naturalmente variável.

Reconheço que se trata de uma tarefa difícil, quase utópica, a aplicação deste estudo dirigido na íntegra em virtude do fator tempo e do extenso conteúdo programático que o professor precisa cumprir ao longo do ano letivo. Dessa forma, uma saída possível para sua aplicação, levando-se em conta as dificuldades anteriormente mencionadas, seria, como sugerida anteriormente, a seleção de algumas de suas atividades mediante a consideração de certos fatores, como o tamanho da turma, o perfil dos alunos, o planejamento da escola, dentre outros. Destaco que o que importa é manter o compromisso com as concepções de ensino de gramática e os pressupostos dos três eixos aqui discutidos. Além disso, entendendo que seja importante manter uma gradação dos conteúdos, do menos ao mais complexo, tendo o cuidado de dosar as atividades.

Por fim, minha crença é a de que o professor de Língua Portuguesa não pode se esquivar de levar o componente gramatical para a sala de aula quando se trata de abordar qualquer tema linguístico, sendo, neste caso específico, o da indeterminação do sujeito. Contudo, deve fazê-lo sempre considerando os três eixos pro-

postos. Espero ademais que, com esta proposta, tenha conseguido ofertar um material que permita a ampliação do repertório linguístico dos alunos e que, ao menos, consiga despertar maior reflexão por parte dos colegas a respeito do ensino de temas gramaticais.